

# ENQUANTO DURA A CARNIFICINA

## II. FINS E RESULTADOS DA GUERRA

Compreendo a impaciência generosa, a necessidade de actividade, a ardente esperança que velaram a visão de certos camaradas nossos—e admiro os que, voluntários, foram arriscar a vida, pois é sempre de admirar quem se sacrifica por uma causa que julga boa. Mas o respeito e a admiração que por eles sinto não me impedem de lamentar o infundado das esperanças de uns, a inutilidade e o dano do sacrifício dos outros.

Que pode produzir na presente guerra a vitória duma parte ou da outra? Que pode produzir tam importante que induza revolucionários a juntarem-se aos elementos mais retrógrados dos respectivos países, livres pensadores a confraternizarem com os padres, socialistas e sindicalistas a deixarem no olvido os antagonismos de classe, antimilitaristas a pedirem a um governo que chame as fleiras os cidadãos e os obrigue a irem para a guerra, anarquistas a colaborar com o Estado?

Dizem que esta guerra resolverá a questão das nacionalidades.

Nós somos cosmopolitas. Para nós a questão da independência chamada nacional só tem importância como questão de liberdade. Queremos que cada grupo humano possa viver nas condições que prefera e tenha a liberdade de, á vontade, se unir aos outros grupos ou d'elles se apartar; consideramos, pois, ultrapassada no terreno das ideias a questão de nacionalidade, que aliás vai sendo igualmente ultrapassada no terreno dos factos pelo internacionalizar-se dos interesses económicos, da cultura e das relações pessoais e de classe.

Mas compreendemos que nos países em que o governo e os principais opressores são de nacionalidade estrangeira, a questão da liberdade e da emancipação económica se apresenta sob as vestes de luta nacionalista, e simpatizamos portanto com as insurreições nacionais como com qualquer insurreição contra os opressores. Nesse caso, como em todos os outros,

estamos com o povo contra o governo. Mesmo quando nos parece que absolutamente não vale a pena combater uma luta que se resolverá numa simples mudança de amos, inclinamo-nos ante a vontade dos interessados. Assim, se Trento e Trieste sentissem de veras necessidade de trocar o cacete dos Habsburgos pelas algemas dos Sabóias, alegrar-nos-ia que o conseguissem, quanto mais não fosse, para não tornarmos a ouvir falar disso e para vermos tantas belas energias dedicarem-se a lutas mais proficuas.

Portanto, embora nos pesasse que os vários problemas nacionais fossem resolvidos por meio de soluções de governos e não por obra de povos, reconhecemos que seria um bem resolver de qualquer forma questões que obstruem a estrada do progresso e distraem tanta gente das verdadeiras lutas pela emancipação humana.

Mas o facto é que nesta guerra uma questão de nacionalidade pode ter sido a scintilla que inflamou o material incendiário preparado há muito e para outros fins; pode ter sido um pretexto e é um meio para entusiasmar os ingénuos e desviar a atenção pública das razões e das miras da guerra; mas certamente a independência nacional dos povos é o último dos cuidados dos que dirigem a guerra e não de decidir da paz.

Com razão se grita contra a Austria infame, que obriga os povos sujeitos a combaterem em defesa dos seus opressores. Mas porque se calam quando a França constrange os argelinos e outros povos a ela submetidos a deixarem-se matar por ella? Ou quando a Inglaterra leva ao matadouro os indianos?

Quem se há-de lembrar então de libertar as nacionalidades dependentes? Porventura a Inglaterra, que logo no começo da guerra aproveitou a ocasião para agarrar Chipre, o Egipto e tudo o que pode? Porventura a Sérvia, que quer anexar tudo o que tem alguma relação com a nacionalidade sérvia, mas segura a Macedónia, mesmo com risco de ser atacada

pelos costas? Porventura a Rússia, que onde põe o pé, na Galícia ou na Bucovina, suprime até a sombra de autonomia concedida pela Austria, proibe a lingua do país, trucidou os hebreus e persegue os scismáticos uniatas? Porventura a França, que, nos mesmos dias em que celebrava a vitória do Marne contra os invasores teutónicos, mandava chacinar os «rebeldes» marroquinos e incendiar-lhes as aldeias?

Eu compreendia o entusiasmo dos socialistas e dos anarquistas por uma luta que, não sendo embora a nossa luta, tivesse um certo carácter de generosidade e sinceridade. Tinha compreendido o entusiasmo, se a França e a Inglaterra (da Rússia nem sequer falo), chamadas á consciência do direito pela prepotência germânica, tivessem declarado independentes os povos a elas sujeitos, solicitando em seguida a ajuda d'elles na luta contra a hegemonia tedesca e pela independência nacional de todos os povos. Mas ide-me lá falar de semelhante projecto aos homens de governo, a Sir Eduardo Grey, a Lord Kitchener, a Poincaré, e andareis com sorte se vos não meterem num manicómio.

Dizem que os anglo-franco rusos combatem pela civilização.

Mas, enquanto com razão estigmatizam os horrores cometidos na Bélgica e na França pelo exercito alemão, calam ou desculpam, e ás vezes exaltam, os horrores iguais ou piores que os russos praticam não só nos países invadidos, mas até na Polónia russa. E com a sua propaganda de odio cego, não só contra os dirigentes da politica alemã e austro-húngara, o que seria justificado, mas contra um povo inteiro, uma raça toda, vão criando nas tropas anglo-francas tal estado de alma que faz tremar á ideia do que sucederia se um dia conseguissem pôr os pés na Alemanha.

Dizem que esta é uma guerra pela liberdade e que a própria Rússia se tornará liberal... depois da guerra. Entretanto, sem falar da Rússia, onde é mais feroz do que nunca a perseguição contra os partidos avançados e a opressão das nacionalidades subjugadas, vemos que a França e a Inglaterra se vão rapidamente russificando com a supressão das menores liberdades e do menor direito de critica, com o desenvolvimento do espirito militarista, com o engrandecimento do poder clerical.

Assim, o público habitua-se a obedecer e a calar, e fica o caminho aberto a todos os regressos reaccionários.

Apesar da evidência dos factos muitos homens de boas intenções, e entre elles até alguns camaradas nossos, continuam a entender que esta guerra é de libertação, uma guerra de que resultará o desaparecimento, ou pelo menos uma grande redução do militarismo, assim como um arranjo da Europa conforme ás aspirações dos vários povos, de modo que a paz internacional seja garantida para sempre ou por muitíssimo tempo, podendo assim os elementos progressivos dos respectivos países consagrarem-se á conquista da liberdade e da justiça para todos, sem receio das interrupções e retrocessos causados pelas guerras. E fazem projectos sobre o que deverá decidir o próximo congresso, imaginando que os seus desejos e votos terão influencia sobre as deliberações dos chefes d'Estado, seus generais e diplomatas.

E' uma ilusão generosa, mas tóla (perdoem-me a palavra).

O próximo Congresso da paz será, como foram todos os congressos d'esse género, um mercado em que os poderosos disporão dos povos como de rebanhos. Vença uma parte ou outra, o resultado total será um aumento de tirania, um desenvolvimento maior do militarismo, um despertar de todas as forças reaccionárias.

Nas questões internacionais, como nas questões de politica interna dos diversos Estados, o único limite á prepotência dos dominadores é a resistência que o povo

sabe opor. E o povo até agora tem-se deixado conduzir docilmente á matança, e não soube fazer coisa melhor aquela fracção do povo que, ufanando-se duma consciência de classe e professando um ideal de justiça, teria o dever de dar o exemplo e a orientação á massa.

Era preciso a todo custo impedir a guerra.

Em vez disso, os social-democratas alemães, a quem mais do que a ninguém competia tal dever por serem os mais fortes e por ter o seu governo tomado a iniciativa do ataque, traíram vilmente a Internacional e puseram-se quase unânimemente ao serviço do Kaiser.

Os socialistas franceses e belgas não souberam fazer coisa melhor do que imitar os alemães e solidarizar-se com os governos e com a burguesia dos seus países.

E assim aconteceu que se atingiu um fim diametralmente oposto áquele que o socialismo e a Internacional tinham em vista. Em vez da confraternização dos proletários de todos países na luta contra os opressores, voltou-se aos odios de raça e de nacionalidade e abandonou-se a luta pela emancipação.

Agora seria necessário que os proletários armados dos diversos exercitos combatentes confraternizassem entre si e dirigissem contra os opressores as armas que empunham.

Mas podemos esperar isto, quando os socialistas e sindicalistas dos países beligerantes se apressaram, quase todos, a esquecer-se de socialismo, sindicalismo, luta de classe, fraternidade internacional, para se mostrarem bons súbditos, bons soldados, bons patriotas?

Sou talvez pessimista demais. Pode também succeder que do excesso do mal venha o bem... Pode dar-se que o cansaço, o horror da guerra e as misérias por ella produzidas determinem uma insurreição que mude completamente o estado de coisas.

Há já sintomas de resipiscência, e os revolucionários deveriam estar alerta para aproveitar os ensejos possíveis.

Mas em tal caso não venham os guerristas dizer-nos que a guerra é um bem. Dela derivaria um bem, mas só por haver quem era ou se faz adversário da guerra.

Assim na Itália. Sem a guerra europeia que mudou o curso dos acontecimentos, a expedição á Líbia, com as suas desastrosas consequências estava para produzir um bom efeito, sendo um dos factores que tinham pôto a monarquia á beira do abismo. Mas isso porque os subversivos italianos, não tendo embora conseguido impedi-la, a ella se tinham mantido irreductivelmente hostis. Se tivessem seguido os conselhos dos poucos (também os havia então) que diziam: «já que não podemos fazer a revolução, façamos a guerra», teriam aceitado a responsabilidade das culpas da monarquia e não teriam tido autoridade para falar ao povo dissipada a embriaguez guerreira.

Londres, 26 de Março de 1915

ERIBICO MALATESTA

## Notas de perto

### III

Meu Caro C.

Porque em via de regra só gosto de falar dos mortos para lhe citar as boas obras ou seguir os bons exemplos, desculpe-me se hoje te falo de alguém que já morreu e cujas obras para mim não foram muito louváveis. Disseram-me um dia que, dentro dos limites que a sua profissão impunham, elle fora um homem afável e bom, de quem nada havia a dizer; e um correspondente de Londres, para o Século de 15, chamou a este homem «o vulto prestigioso» que «prestou relevantes serviços á sua pátria», que elle «hoje é um simbolo» e que nos cartazes convidando ao alistamento, está o seu retrato com estas singelas palavras: «Ele fez o seu dever; fazei vós tambem o vosso.»

Trata-se de Lord Roberts; sabes, tu, alguma coisa a respeito

das suas boas qualidades e relevantes serviços?

Para te certificares das suas boas qualidades lê o extracto que a páginas 17-19 de *The Queen's Daughters in India* está impresso, extraído de uma circular-memorandum por elle enviada a todos os postos militares quando, na Índia, foi comandante em chefe:

«Nos basares regimentais é necessário haver um sufficiente numero de mulheres, tendo o cuidado de que sejam bastante atraentes, fornecendo-se-lhes casas próprias, e, sobre tudo, insistir sobre os meios de ablução». ««e os soldados novos estão cuidadosamente avisados das vantagens da ablução, esperando evitem os riscos de se associarem com mulheres não reconhecidas pelas autoridades regimentais».

Que me dizes deste prestigioso Lord Roberts tratando do fornecimento de material humano? O comandante do 2.º batalhão dirigiu, ao magistrado no posto de Umballa, a seguinte requisição para mulheres atraentes para o basar regimental de acôrdo com a circular 21 A:

«A condução destas mulheres em um cavalo de Umballa para Solon, será paga, á chegada, pelo regimento de Cheshire. Faça favor de mandar mulheres atraentes e novas». Outro co-

mandante escreveu: «Não, ha mulheres suficientes; não são atraentes. São precisas mais mulheres e mais novas». «Outro comandante escreveu tambem: «Ordenei que o numero de prostitutas aumentasse com mais dôse, e já dei especiais instruções para que quatro d'ellas sejam mulheres novas e de apparencia atraentes».

Vês como a civilização europeia se espalha, ás ordens dum «chefe prestigioso», por todos os recantos da India Britânica? A propósito desta immoralidade do militarismo, Lord George Hamilton disse na Câmara dos Comuns, em 25-1-1897, «que a admisão total no hospital por doenças venéreas entre as tropas indianas subiu em 1895 até 522 por 1.000; e que o numero de homens fóra do serviço devido a estas doenças era de 46 por 1.000 e por dia».

Ah! meu caro, como só os aliados representam a civilização e como os teutões são bárbaros!

Como os inglezes escolheram um respeitavel idolo que incitasse os ignorantes a morrer pela pátria!

Mas eu te contarei mais, do idolo prestigioso.

Lisboa, 26-4-1915

Teu

H. QUESÁRIO

## Uma encicla sobre a guerra

Benedito XV lançou enciclica sobre a guerra e acha que parecem chegados os dias do supremo cataclismo anunciado por Cristo. Quem diria, exclama elle, que esses homens tam encarnicados uns contra os outros são descendentes do mesmo pai e seres participantes da mesma natureza e da mesma sociedade humana!

Mais abaixo vereis que o supremo bonzo romano não considera tam pouco irmãos e socios iguais esses filhos do mesmo pai...

As causas da guerra são, na opinião do pontífice, as seguintes: 1.º o esfriar da caridade; 2.º o desprezo da autoridade; 3.º o antagonismo das classes; 4.º o desejo de senfreado dos bens temporais.

Pareceria, pois, que o papa, á maneira dos anarquistas, devia pedir a abolição das classes, a comunicação das riquezas, o fim da exploração e tiranização do homem pelo homem. Só assim, com efeito, suprimidas as causas de luta e antagonismo, de cubica e de inveja, poderiam os homens apaziguar-se sólida e definitivamente e a «caridade» livremente florir e expandir-se.

Mas não. O magno sacerdote pretende que subsistam as classes trabalhadores e parasitas, exploradores e explorados, opressores e oprimidos,—e roga hipócritamente que o lobo devore com caridade o cordeiro e que o cordeiro se deixe passivamente devorar pelo lobo.

E assim proclama aos crentes ingénuos:

Aquelles a quem a fortuna ou a actividade própria trouxeram alguma abundancia de bens vêm levantar-se contra elles os proletários e operários azedados pela malevolência ao pensamento de que, participando da mesma natureza, não se acham entretanto na mesma condição que elles. Uma vez imbuidos das teorias mentirosas dos agitadores, ao menor gesto de quem lhes tem o costume de se curvar inteiramente (ó bon! diz isto o chefe infalível da Igreja dos dogmas e das obediências passivas), quem poderia persuadi-los de que da paridade de natureza não deve seguir-se necessariamente que todos os homens obtenham a mesma situação na sociedade, mas que a condição de cada um deve ser a que elle adquiriu com seus talentos quando não é impedido pelas circunstâncias? Assim os menos afortunados que lutam contra os ricos, como se estes dellessem a parte dos bens alheios, não pecam sómente contra a justiça e a caridade, mas violentam a própria razão, tanto mais que poderiam tambem, com honesta concorrência no trabalho, alcançar uma condição melhor se assim quisessem.

Um velho filósofo, bem inspirado, disse um dia, aliás sem grande esforço de observação nem de intelligência, que «um homem de coração e de espirito só por acaso pode enriquecer». E' uma verdade banal e palpável, conhecida até pelos não-filósofos. A miséria e a ignorância andam estreitamente aliadas; e quanto mais longo, pesado e fastidioso é um trabalho, mais mal remunerado elle é, mais miserável e ignorante é quem o desempenha e menos provabilidade tem este e os filhos

de sair da sua condição. E' assim que riqueza é fruto da «actividade própria».

«E' mais fácil ganhar o segundo milhão do que o primeiro tostão», diz com acerto a sabedoria das nações. Os que enriquecem a valer, ou o devem á herança (á fortuna, diz o papa, com linguagem vaga ou mitológica...)—do mesmo modo que os reis herdam a corôa, sejam embora miseros abortos físicos, morais ou intellectuais,—ou o devem ao trabalho... dos outros, na razão directa do numero de salarizados ou escravos modernos ás suas ordens.

A Igreja, hoje como sempre, defende a escravatura e finge ignorar ou encobrir que uma das injustiças sociais consiste precisamente em não poder cada um, na sociedade actual, desenvolver as suas faculdades e aptidões, dar applicação aos seus «talentos». A desigualdade não está na diferença de situação, mas no «ponto de partida», nos meios e condições de desenvolvimento e de vida.

Verdade seja que o pontífice romano fala em *circunstancias* que impedem os homens de adquirir a condição adequada aos seus talentos... Ora as tais *circunstancias* resultam precisamente do facto de «deterem os ricos uma parte dos bens alheios», ou antes, os meios de produzir; do facto de, por isso, regularem a produção em seu proveito exclusivo; do facto de obstem ao desenvolvimento e applicação completa d'aqueles meios productivos.

Se a riqueza universal fosse de todos e administrada por conta e em proveito de todos, se a produção fosse regulada, não pela ganancia duma minoria interesseada da raridade do produto e na elevação dos preços, mas pelas necessidades reais de todos, não veríamos terras incultas, nem braços deoccupados, nem máquinhas inactivas, nem fábricas cerradas, nem matérias primas e materiais de construção inaplicados, nem productos sem saída ou destruídos, enquanto os pobres pedem trabalho e carecem de tudo—pão, vestuário e abrigo com sufficiencia.

Se assim não é, como explicas tu, santissimo padre, esses absurdos e contradicções da economia capitalista?

O santissimo bonzo não explica coisa alguma. Apenas diz estas profundas palavras: «Não precisamos de repetir aqui os argumentos que refutam com evidencia os erros dos socialistas e outros do mesmo género».

Como há-de, porém, o pobre homem refutar o socialismo se elle não sabe o que isso seja?

Este grande doutor da Igreja merecia ficar reprovado no mais simples exame de economia politica, se aos examinadores fosse dizer o que impinge aos pobres de

espírito que o escutam: «Suprimir a diversidade das condições e portanto das classes é coisa irrealizável, exactamente como no corpo vivo é impossível que os membros tenham todos a mesma função e igua dignidade.»

Mas quem diabo pretende que os homens desempenhem todos a mesma função? Igualdade de condições significa: os meios de que dispõe a sociedade empregados em facultar a cada um o desenvolvimento e livre aplicação das suas capacidades próprias, em proporcionar a cada membro do organismo os elementos de que elle necessita para o seu regular, contínuo, equilibrado funcionamento — exactamente como num corpo vivo... Significa a supressão das funções inúteis e parasitárias e o dever para cada um de pagar a sua cota de trabalho manual, com o direito de consagrar á cultura do espírito e do coração, ao progresso da arte e da sciencia, as largas horas de ócio, proporcionadas pela mecânica bem aplicada, pelo esforço solidário de todos os adultos válidos e por uma justa divisão de trabalho. Significa, santissimo rábula, a equivalência das funções, igualmente necessárias á manutenção do organismo social.

E só assim, com a igualdade de facto, não com vãos e hipócritas apelos á caridade, terão fim as lutas dolorosas provocadas pela divisão em classes e as hediondas carnificinas originadas pela concorrência entre as castas financeiras, com o apoio dos seus servidores, os Estados.

Neno VASCO

## AMANHÃ

Continua impertubavelmente a dominar a Velha Europa o vendaval da destruição. Os homens, obsecados pelos preconceitos e prejuizos acumulados pela lenda dos tempos remotos da religião, embriagados pelos manifestos inflamados do patriotismo idiota dos sanguinários abortos da natureza sedentos de gloria, arremessaram para longe os ridiculos símbolos da civilização burguesa e mostraram-se tal qual são — miseráveis brutos imbuidos de erros dos séculos malditos.

Só hoje pôde sair á luz esta terrível verdade: a decantada civilização do Velho Mundo era uma quimera.

Os homens de ideas elevadas, contudo, já previam o sangrento fim das ridiculas instituições e dos velhos prejuizos da burguesia e de outras classes que, por vergonha do pensamento humano, calcaram aos pés os sagrados direitos da justiça e da igualdade humana.

No entanto, quem paga o erro da amodornada burguesia e do militarismo absorvente é o proletario, conservado acintosamente ignorante e como tal incapaz de compreender que é vitima dos erros da incapacidade da bestializada classe dos argentários. E' ele que acumula o ouro para aqueles que conservam como reliquia os factores da sua impotencia e da sua destruição. E' ele que, chamado mais tarde pelos seus exploradores, vai servir de pasto á hecatombe.

E' esta, infelizmente, a expressão dos factos que se observam na Velha Europa.

Comprovada como está, pois, a prejudicialidade das velhas e absurdas instituições que dominam toda a Europa e quicá todo o mundo, desejamos para ellas as tetricas palavras do festim de Baltazar.

Esperemos que a realidade assombrosa da guerra actual seja o novo marco de novas e sans instituições. Oxalá, seja a sangrenta luta o sinal do prelúdio das liberdades sonhadas pelos cérebros daquelles que compreendem o verdadeiro destino da humanidade.

Não ousamos crer que, passado este período de insanía, a humanidade caia no estacionamento da Idade Média, porquanto já se libertou em parte da religião e, compreendendo os seus erros, libertar-se há em breve do militarismo e da burguesia. Desejamos para uma época não remota uma Terra livre de Deus e livre de degenerados feitos aparentemente homens.

O ser humano, verdadeiramente humano, dirigido por ideas elevadas, compreendendo o verdadeiro sentido da justiça, dominado pela razão elevará hinos de glória aos seus benefactores e anatematisará Napoleão, Alexandre e inumeros outros sanguinários hoje glorificados porque se banharam no sangue de milhões de compatriotas inocentes.

As classes improdutivas verão, medrosas, chegar o seu fim, pois não tem direito á vida aqueles que vêem o suplicio no trabalho.

A sociedade de então não terá como espantinho a religião, que explora a ignorância dos espíritos fracos e o medo dos cobardes. Digna e regenerada não será mais uma sentina de depravação e luxúria sob o manto da moral austera, mas um fanal de costumes sãos.

Neste momento de desespero da velha Europa, a Igreja, hoje desorganizada e faminta, procura nos campos da batalha, como a hiena ao cair da noite, o poder que perdeu. A miserável espera voltar á vida explorando com oportunidade a insanía dos homens tornados bestas-féras que se exterminam por um ideal desconhecido ou por uma causa asquerosa. O seu ressurgimento será, porém, breve: será aquele fatal momento de vida na agonia de um corpo imprestavel. Ela não ressurgirá; o seu momento fatal aproxima-se.

Quando ela morrer, Deus terá passado para o dominio da história lendária da humanidade: a sua ferocidade estranha não mais levará o terror ao cérebro dos homens, pois, por este será despenhado no abismo do esquecimento. Ele passou pela humanidade como o génio da destruição — o que não conseguiu aniquilar, abalou. Quando dominado por ele o homem permaneceu no marasmo das coisas mortas.

O papa, símbolo magno do século de superstições, exploração e fanatismo, verá com assombro a multidão, sciente de seus direitos, abater a entrada do Vaticano e de lá extrair tudo aquilo que com singular cinismo lhe foi arrebatado nos milénios passados de injustiça. Como a humanidade de então será sã e como só haverá quem trabalhe, tanto ele como as suas legiões de asneclas hão de sentir também o peso duma enxada, hão de trabalhar!

Os templos servirão para gloriosos fins e não conterão mais no seu interior os símbolos da ignorância e da imbecilidade humana. Cada templo, tornado escola, será um farol ou de a mocidade não mais aterrorizada pela vingança baixa de um Deus sanguinário, se banhará na luz da Verdade.

O homem só será verdadeiramente digno e sã quando tiver por deus — a Sciencia, por culto — o Trabalho e por templo — a Escola. Esperemos, pois, que o estado anormal em que estamos seja o sinal do prelúdio do dominio da Realidade e do amor aos ideas elevados.

URUCÁ

(Rio de Janeiro)

## VIDA SINDICAL

**Nucleo Juventude Sindicalista (Porto)**—Reunião geral. Efectuou-se no ultimo domingo a anunciada reunião geral extraordinária deste Nucleo.

Presidiu, A. Gomes de Amaral e secretariaram A. Rodrigues dos Santos e Antonio Fernandes.

Tomaram-se as deliberações que seguem:—Não concordar com a União das Juventudes Sindicalistas, visto não se reconhecer necessidade imperiosa da sua organização, e tomar parte nas manifestações comemorativas da data histórica do 1.º de Maio.

**Convocação.** Avizem-se todos os socios deste Nucleo de que se realiza no proximo domingo, 9 de Maio, a reunião geral ordinaria.

**Nucleo Juventude Sindicalista de Barcelona**—Este Nucleo realiza amanhã 2, uma sessão de propaganda, pelas 15 horas, falando varios oradores de Lisboa.

Tambem se resolveu nomear como delegado á União das Juventudes Sindicalistas o camarada Carlos Cardoso.

Enquanto não se destruir o bezerro de ouro, com bonzos e soldados, a guerra não findará entre os homens.

## Contra a carestia da vida

Movimento de Protesto

Como a vida em Tras-os-Montes se tem tornado insupportavel devido á carestia dos generos alimenticios de primeira necessidade e sendo em Chaves, uma das terras onde mais se exerce isso exploração devido aos grandes açambarcadores, o povo tem por bem agir contra essa desenfreada exploração; e, assim, no domingo, 10 apresentaram-se grande numero de operarios no mercado para fazer as suas compras. Como os vendedores quizessem levar mais de 800 reis por cada 20 kilos de batata e a 800 e mais por cada 15 litros de centeio, o povo houve por bem não pagar as batatas mais que a 500 reis e o centeio a 600 postando-se diversos operarios nos portões do mercado impedindo a sahida dos vendedores enquanto os outros faziam as respectivas compras não deixando um unico cereal no mercado, sendo a policia inpotente para reprimir a onda de revolta e sendo ainda assaltados mais alguns estabelecimentos obrigando-os a vender a batata pelo mesmo preço que tinham posto no mercado.

Na semana seguinte foi publicado uma tabela de preços que indignou o povo, pois nessa tabela havia generos mais caros do que até a data.

Foi convocado um comicio publico para o domingo, 25, pelas 10 horas da manhã, no Largo do Arrabalde, para protestar contra a tabela de preços. O primeiro orador, que subiu a uma pedra, foi o camarada Augusto Barreira. Mal tinha usado da palavra foi o comicio assaltado por uma força de cavalaria prendendo o dito camarada, e como o povo protestasse logo prendem os camaradas Bartolomeu Constantino e José Rodrigues e mais tarde o camarada Acacio Pintor.

O administrador do concelho vendo a indignação do povo perante as suas arbitrariedades, teve por bem refugiar-se em um estabelecimento, sendo increpado hostilmente por grande multidão onde mais se salientou um grupo de mulheres.

Foi expedido um telegrama para os camaradas de Vidago dando conta dos acontecimentos; mal estes camaradas tiveram conhecimento do que se passava, um grupo dos mesmos marchou para Chaves a prestar-lhes o auxilio de que necessitassem. Mal chegaram foi convocada uma assembleia geral na União Trasmontana para resolver o caminho a seguir.

As 9 horas da noite foi aberta a sessão presidindo o camarada José Augusto Ferreira secretariado por José Bernardino d'Oliveira e Agostinho de Carvalho. Em primeiro lugar fez uso da palavra o camarada presidente em nome dos camaradas de Vidago que vinham ali trazer a sua adesão de solidariedade, protestando contra as violencias da autoridade querendo esmagar a patas de cavallo aqueles que tudo produzindo nada tem.

Na mesma ordem de ideas falaram os camaradas Agostinho, Adolfo, Acacio sendo apresentada uma moção de protesto e resolvendo que na segunda-feira 26, ninguém trabalhasse para reclamar a liberdade dos nossos camaradas.

As 9 horas da manhã todos os operarios se reuniram e foram em manifestação reclamar do administrador do concelho a liberdade desses camaradas, o que conseguiram devido á sua união e energia.

Uma vez em liberdade todos se dirigiram á sede da União onde reuniram em grande numero.

Em primeiro lugar fez uso da palavra o camarada Augusto Barreira que agradeceu a todos os camaradas o seu acto de solidariedade, Bartolomeu Constantino na mesma ordem de ideas Agostinho de Carvalho e José Augusto Ferreira de Vidago que só tinham comprido com o seu dever vindo ali por-se ao lado dos seus camaradas de miseria e sofrimento. Terminada a sessão foram levantados muitos vivas á Revolução Social, á Anarquia e gritos de

abaixo a guerra e abaixo as fronteiras, terminando assim uma bela jornada de propaganda.

## Do operariado do norte

CAMARADAS;

A União Operaria Nacional (U. O. N.) Secção Regional do Norte, ao passar mais um ano sobre a data histórica do dia 1.º de Maio, vem lembrar o cumprimento do que julga ser o dever de todos os espoliados, victimas do salariato e que, na luta de classes, aspira á sua emancipação integral.

A data do 1.º de Maio teve origem na luta pela reivindicacão da jornada de 8 horas havida nos Estados-Unidos da América do Norte. O proletariado das principais cidades daquele paiz, depois de haver reclamado aquela regalia durante dezenas de anos em vão, num Congresso realizado em Chicago em 1884, decidiu que a jornada de 8 horas fosse conquistada por meio da greve geral, votada para o dia 1.º de Maio de 1886. Nesse dia, com effeito, a quase totalidade do operariado norte-americano abandonou o trabalho.

A burguesia, porém, aterrorizada, armou os seus esbirros até aos dentes e, com uma violencia até ali não usada, tais desmandos provocou que os operarios em luta viram-se constrangidos a realisar comicios de protesto. Mas uma armadilha policial foi posta em prática e na rede caíram oito operarios dos mais inteligentes a quem a burguesia mais odiava por serem os que, com abnegação e desinteresse, defendiam as justas reivindicacões do proletariado.

E como a policia, ao mando da burguesia, se queria desembaraçar daqueles militantes, preparou-lhes um processo no qual os envolveu, cercando-os de acusações falsas e infames, com o fim premeditado de os aniquilar. E assim, compradas testemunhas, juizes, jurados, etc., conseguiu a burguesia que fossem condenados: cinco á morte, dois a prisão perpetua e o oitavo a catorze anos de trabalhos forçados.

Mais tarde, em 1893, o governador do Estado de Illinois, mandando proceder á revisáo daquele processo, constatou que os militantes operarios haviam sido innocentemente condenados, sendo apenas victimas da vingança burguesa, pelo que ordenou que aos tres ultimos sobreviventes fosse dada a liberdade.

Tal processo, pelas circunstancias de que foi revestido, deu éco em todo o mundo, fazendo tremor de pavôr todas as pessoas de sentimentos generosos e humanitarios; e o proletariado de todo o mundo viu, igualmente, que aqueles seus camaradas que tão heroicamente souberam morrer em holocausto ao Capital escravizador, precisavam ser lembrados, para que o seu gesto de sublime abnegação fosse um incentivo para si na senda conquistadora da sua emancipação.

Foi, pois, aquele facto que determinou a comemoração do 1.º de Maio, e assim foi resolvido em Congressos posteriores aquelle grande acontecimento proletario.

O proletariado português, e especialmente o do Norte, a quem este manifesto se destina, observando o que a si lhe diz respeito, não deve comparecer ao trabalho, deve abandoná-lo, pois este dia, não sendo, contudo, um dia de festa, é aquelle que se destina á manifestação internacional proletária, para afirmar o seu protesto contra a exploração quotidiana de que é vitima, para lembrar os seus mártires históricos, ou contemporâneos, afirmando igualmente o seu direito á vida.

Se nos anos anteriores se justificava o abandono de trabalho para os effeitos acima resumidamente expostos, este ano mais se impõe. Se a condição de escravo moderno, vitima da férrea lei do salario o impelia para a luta pelas suas reivindicacões contra os detentores da riqueza natural e social e detentores do poder com que ha séculos o oprimem, o proletariado, neste momento em que sente mais atrozmente os effeitos do actual sistema burguez que tais anomalias

determina, deve medir melhor a sua situação e acentuar mais fundo ainda o seu protesto.

A guerra sanguinolenta que ora está travada nos campos da Europa e noutras terras do globo é a causa imediata do constante enforcamento da vida actual. Sofrem, pois, os filhos do povo, especialmente o operario, nos campos da batalha, e sofre o proletariado que está mesmo distante das localidades onde se luta; pois que negociantes, senhorios, etc., se aproveitam da circumstancia para especularem com a miséria, resultante do proprio sistema burguez, originário de tão profundos males.

E pois que só pela luta constante e cada vez mais acentuada do proletariado, especialmente o organizado no terreno das reivindicacões económicas, se pode fazer mudar o curso burguez dos interesses sociais; pois que só querendo, o proletariado pode fazer sentir a sua influencia no sentido emancipador da sua própria condição de escravo, que, embora produtor de todas as utilidades, vive sob o jugo férreo do capitalismo com todas as suas desgraçadas consequencias — é que a União Operaria Nacional (Secção do Norte) lembrando aos operarios o dever de não trabalharem no dia 1.º de Maio, os convida a tomar parte nas manifestações que se realizem nesse dia, qualquer que seja a localidade onde elas se efectuam, para imprimir á manifestação o caracter de que deve ser protesto contra as causas que originam a sua miseria e bem assim contra os causadores da horrorosa hecatombe que ora ensanguenta o mundo, cobre de luto inumeras familias e arrasta para a mais sórdida miséria todos os que estão sob a garra dos negociantes e senhorios.

Viva o dia 1.º de Maio!

A «União Operaria Nacional»

## Correio de «A Aurora»

Lisboa.—C. Fretre.—Recebemos a tua carta e já enviamos os jornais aos novos assinantes. Agradecido.  
Portalegre.—A. Costa.—A liquidacão está bem; quanto ao original que perguntas vamos ver.  
Lapas.—J. P. L. Fresco.—A liquidacão está bem; de resto, manda para se ver.

## Biblioteca d'«A Vida»

A Política Parlamentar no movimento Socialista. E. Malatesta. 2 ct.  
A social democracia na Alemanha. G. Laudauer. 1 »  
O governo revolucionario, P. Krapotkine. 2 »  
A confederacão do trabalho, P. Delessalle. 2 »  
Aos camponeses, R. Mella. 2 »  
Teatro livre arte social, E. Silva. 2 »  
A Guerra, os financeiros e a politica, Delaviz. 5 »  
O dia de oito horas, C. G. do Trabalho. 2 »  
Semeando para colher, C. Dias. 2 »  
Os bastidores das guerras, P. Krapotkine. 2 »  
O rei e o anarquista, Libertas. 3 »  
Catecismo ateu, B. Betencourt. 3 »  
Programa socialista anarquista, E. Malatesta. 3 »  
Fado livre racional, Sezuirosa. 5 »  
Coeducacão, L. D'ore. 4 »  
Um seculo de expectativa, P. Krapotkine. 5 »  
O espirito revolucionario, P. Krapotkine. 5 »  
A Anarquia, E. Malatesta. 5 »  
As mulheres, J. Prat. 5 »  
A Canalha, um de nós. 15 »  
Em rãnas (teatro) E. Silva. 15 »  
Evolução e Revolução, E. Reclus. 40 »  
Almanaque d'«A Aurora», para 1913. 5 »  
Almanaque de Terra y Libertad para 915 (1.ª pte.). 20 »  
Fotografuras de alguns revolucionarios, em bom papel couché cada. 2 »  
4.º ano e até ao ultimo n.º publicado d'«A Sementeira», 16 n.º, 128 pgs. 30 »  
Os 3 primeiros anos d'«A Sementeira», volume brochado de 292 pgs., com 35 fotografuras em bom papel couché. 140 »

Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e quando feitos á Biblioteca «A Vida», rua Formosa, 242, 2.º — Porto, ou á:

«A Sementeira»

Cais do Sodré, 88 Lisboa—Portugal